



Interfaces entre mídia (televisiva) e educação no cotidiano escolar¹

Marcos PANCIERA²
Flavi Ferreira LISBOA FILHO³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

A educação básica brasileira por sua precariedade tem deixado espaços vazios no ensino da crítica. Os quais são comumente preenchidos pela mídia, via de regra a televisiva – que também possui caráter instrutivo, embora muito de seus valores transmitidos sejam questionáveis. Assim, a não aprendizagem através de um método que proporcione a formação de opinião faz com que a interpretação das mensagens transmitidas pela mídia seja vaga, ocultando e até mascarando a real intenção do emissor/produzidor dos sentidos. Conclui-se que o ensino escolar obrigatório deve preparar os alunos para a vida em sociedade, incluindo de tal modo o letramento para os conteúdos dos meios de comunicação através da apropriação de algo que poderíamos chamar de gramática midiática.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Mídia; Televisão; Educação

INTRODUÇÃO

A interpretação da informação é uma área de estudo e ensino pouco trabalhada na escola tradicional. É fato que nas escolas brasileiras os alunos não são em sua maioria, ensinados a criticar o conteúdo midiático. Em escolas com condições precárias de infraestrutura e organização a situação se agrava; em muitas escolas de comunidades carentes os alunos terminam as séries iniciais com um grau de alfabetização não satisfatório e majoritariamente não letrados.

O sistema educacional brasileiro não ensina a criança ou o jovem a opinar. O modelo eclesial de pregação utilizado – por uma grande maioria – faz com que os educandos repitam o que lhe é dito, sem espaço para discussão aprofundada ou seleção de conteúdo. Sentido que nos preocupa é o fato de que muitas destas crianças têm sua alfabetização primeira mediada pelos meios de comunicação. A discussão que vai além da mera informação, questionando o como e o porquê dos fatos; a seleção de conteúdo é

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Acadêmico do Curso de Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas. (e-mail: marcos.pancier@gmail.com)

³ Professor orientador. Doutor em Ciências da Comunicação, linha Mídia e Processos Audiovisuais. Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. (e-mail: flavilisboa@gmail.com)



a possibilidade de o aluno opinar sobre os valores que são ensinados pelas instituições, pela sociedade e pela mídia. Para refletir sobre esta temática observamos alunos de 4º ao 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental João Link Sobrinho localizada no bairro Itararé em Santa Maria – RS.

Cabe esclarecer que por interfaces, neste estudo, entendem-se as relações – os serviços, as contribuições, as funções e as interconexões – desempenhadas por diferentes instituições, em nossa pesquisa, a televisão e a escola. A mídia televisiva em sua relação com a comunidade escolar não possui responsabilidade com a cultura popular, a democracia e o sistema de ensino. São duas as interfaces que interessam na educação crítica: os sentidos e valores transmitidos pela televisão e levados para escola, e o caminho inverso, os ensinamentos transmitidos pela escola e que formam a experiência com a mídia.

COMUNICAÇÃO, MÍDIA (TELEVISIVA) E EDUCAÇÃO

É função da educação institucional a inspiração de pensamento crítico para criarmos cidadãos com real atuação no processo democrático. A escola que não discute ou possibilita a opinião vai contra a democracia, pois, como o futuro adulto conseguirá encontrar soluções para problemas políticos sem saber discutir e questionar? Ou ainda como pode escolher devidamente um representante sem lhe ser ensinado a criticar e a opinar?

Com a educação omissa na instrução do aprendizado crítico e da interpretação de informação a mídia assume esse papel fundamental na sociedade. É visto em diversos momentos da história brasileira a mídia manipulando a opinião pública, ditando principalmente – como na escola –, a maneira de ser cidadão e o sentimento de pertencimento social, para as classes populares que por possuírem uma lacuna de criticidade não sabem muitas vezes nem a sua atual situação de direito na democracia. De tal maneira, questionamos qual o papel que a mídia assume e qual sua responsabilidade diante da escola e do Estado? Neste contexto, será possível incluir a educação crítica na formação escolar com apoio dos dispositivos e suportes midiáticos?

A atual condição da escola brasileira abrange alunos com diversos déficits de aprendizado. Ainda possuímos crianças e jovens analfabetos e não letrados. O foco será dado somente à condição de não letrados, porque o analfabetismo indica a ausência da escola, ou pior, a ineficiência do processo alfabetizador, o que não compete ao ensino crítico e sim a inúmeros fatores como vulnerabilidade social; profissionais não



capacitados ou ultrapassados; problemas de ordem familiar, comunitária, infraestrutural; entre outros.

O aluno iletrado não irá questionar as informações que a sociedade transmite a ele, sendo assim, um mero receptor passivo – que se aproxima do que os adeptos da Escola de Frankfurt definiram – que por falta de conhecimento adquirido através de um aprendizado crítico não faz parte de um processo de mudança social.

Para sanar um determinado problema aparecem outros ainda mais vastos, esse é o atual quadro da educação no Brasil. A atenção deve então ser enfocada simples e unicamente na solução do problema proposto inicialmente. A compreensão da comunicação seja oral; escrita; ou, midiática, não é um foco da escola, formando alunos que não sabem interpretar o que ouvem, leem ou veem, e, criticar. Contudo, torna-se oportuno investigar as contribuições e interfaces que mídia e educação realizam para a formação de um sujeito independente e cômico de suas responsabilidades.

A cultura escolar tem por objetivo formar alunos independentes através do conhecimento, conscientes das suas responsabilidades perante a sociedade. Em oposição, a televisão não assume um papel efetivo de responsabilidades perante a educação e o Estado. Segundo Penteadó (1991), o ideal de cultura escolar deve ser democrático aceitando as múltiplas interfaces da realidade vivenciada pelos sujeitos pertencentes à escola, de forma a, possibilitar que todos possam contribuir com suas experiências e significações, assim atendendo aos interesses dos que integram a comunidade escolar – alunos; pais; e, professores. Ao passo que, a cultura televisiva atende a uma lógica de interesses econômicos, assim, transmite sentidos e valores que representam uma determinada classe social. A realidade exibida pelos meios de comunicação massivos é distorcida pela ideologia dominante, é dever da escola opor qualquer tipo de dominação imposta pela sociedade.

Para Penteadó (1991) a democracia no ambiente escolar é a forma de agregar a cultura popular, a cultura massiva e a cultura dominante (forma culta) – e as subculturas integrantes de cada – na escola para possibilitar um ensino crítico. Professores ensinam aos seus alunos, muitas vezes, exclusivamente a forma culta, não observando as demandas sociais – principalmente em um ambiente carente. É necessário que a cultura popular, a qual os alunos estão inseridos seja trabalhada na educação, bem como a sua representação pelos meios massivos de comunicação. A proposta democrática tem por objetivos oferecer subsídios para que os alunos formem suas potencialidades críticas.



De acordo com Fischer (2006), o discurso televisivo é uma representação de diversas interfaces da realidade através de imagens e sons. É ele que vai sensibilizar para noções de democracia e cultura, significados que são responsabilidade da escola ensinar. A realidade reproduzida pela televisão remete a experiências, a acontecimentos e situações reais, porém em nenhum momento é real. Ao passar por diversos filtros que escolhem o que é exibido e o que é excluído para atender a interesses de uma classe dominante, o conteúdo perde sua veracidade e torna-se uma rerepresentação falaciosa.

Ensinar através de um método crítico a formar opiniões e julgar os sentidos que nos são transmitidos requer da escola: abrangência da cultura popular; sistema democrático de ensino; e, absorção dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação, em especial a televisão. Da abrangência da cultura popular, da mesma forma as suas subculturas, deve-se ao fato de não excluir nenhuma forma de expressão da escola, assim podemos inferir como uma educação multicultural. Relacionando com a pluralidade cultural e a possibilidade de integrar todos os pertencentes à comunidade escolar, um sistema democrático de ensino, é, além disso, uma forma implícita de educar para o convívio em sociedade, aceitando e convivendo com diferenças, possuindo responsabilidades, direitos e deveres. O ponto temido por educadores é integrar a televisão na educação.

Os meios de comunicação massivos integrados na escola devem ter suas interfaces analisadas, suas contribuições benéficas e prejudiciais à educação. A televisão, atualmente, é mais atrativa que a escola e a família, levando vantagem na transmissão de sentidos. A escola precisa aproveitar as contribuições da mídia televisiva para comunidade escolar. E, é serviço dos educadores, interpretar as mensagens transmitidas; explorar os sentidos abordados e os ângulos excluídos da temática.

Ainda com relação à tevê, podemos dizer que a alternância constante de imagens e sons é uma característica da televisão, e muitas vezes, é mais importante que os sentidos semânticos transmitidos. Antes da aprendizagem para decifrar os códigos da linguagem que compõem os livros, por consequência, a educação escolar, a transmissão oral e a representação imagética dos meios de comunicação de massa constroem sentidos nas concepções infantis. Exemplos são as disputas entre gêneros e o consumismo. É fundamental que a escola ao mesmo passo que alfabetiza para o entendimento dos códigos de escrita, eduque para a compreensão crítica das imagens, a formar uma gramática para os meios de comunicação de massa.



Caro consideremos que a televisão ensina antes de a escola educar, seria inadvertência desconsiderar o contato com os meios de comunicação antes do início da vida escolar; erro maior seria pensar que as experiências transmitidas pela televisão, antes mesmo da alfabetização, não são levadas para dentro da escola. Não há necessidade de qualquer aprendizado adquirido previamente para assistir conteúdos televisivos, essa aprendizagem se dá pela prática de espectador.

Alfabetizar somente para decifrar os códigos escritos em uma sociedade que a imagem possui valor maior que a palavra pode-se considerar uma condição de semianalfabetismo. O ensino da escrita e da leitura é o primeiro passo para educação escolar, a partir desse conhecimento prévio é possível o aprendizado em múltiplas áreas. Do mesmo modo o ensino da crítica proporciona a interpretação de imagens, discursos, e a condição social de pertencimento.

O ensino conjunto dessas duas áreas de interpretação de códigos, a semântica e a crítica, é que formarão cidadãos letrados. É importante ressaltar esse papel mediador da escola no processo de formação de sentidos através dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação massivos, oferecendo ferramentas para que os alunos possam formar opiniões próprias.

Contudo, ainda existe, por parte dos educadores, bastante receio em integrar os meios de comunicação para formação de conhecimento. E como gerar o ensino da crítica das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação massivos se os seus conteúdos não são debatidos ou estudados em sala de aula?

O OBJETO E A OBSERVAÇÃO

A escola carente é desprovida de recursos como estrutura, tecnologia, profissionais entre outros possíveis subsídios favoráveis à educação. O ambiente escolar, nessas condições, transforma-se adverso às práticas educativas. Neste sentido, como empecilhos ao ensino na escola consideramos: o espaço e o método, que ainda competem com outros ambientes que são atrativos aos alunos.

A comunidade escolar é formada por moradores do bairro Itararé, do assentamento da Gare e de bairros vizinhos como Campestre Menino Deus. O bairro Itararé, onde a escola está situada, possui fortes contrastes como o poluído arroio Cadena e as belezas naturais dos morros que o cercam; a realidade de pobreza e desemprego atual e o passado marcado pelo desenvolvimento econômico advindo da viação férrea. A comunidade escolar é composta por alunos de baixa renda, pertencentes



a famílias com baixo grau de escolaridade; alunos integrantes a famílias de ex-ferroviários; outros que moram próximos ao Cadena; outros, em condições precárias de moradia, morando em assentamento.

O contato com essa realidade por experimentação em sala de aula foi um fator importantíssimo para o desenvolvimento deste estudo. A experiência proporcionada pelo PDDE (Programa Dinheiro Direto na Educação) vinculado ao FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) ocorre em condição de serviço voluntário na categoria de monitor pedagógico responsável pelo desenvolvimento de atividades de aprendizagem cultural, linguística, política, e, social.

A implementação das áreas de ensino propostas ocorre por meio da Oficina de Produção Escolar (Jornal Escolar). Convém salientar que a produção escrita tornou-se uma forma de mensurar a atribuição de sentidos ao conteúdo comunicado em sala de aula. O teor da oficina um caráter crítico da compreensão de mensagens, e, da coerência e clareza na expressão de opiniões ao invés de um ensino de gramática nos moldes tradicionais, conforme a orientação linguística estabelecida por Garcia (2010). A prática das propostas cultural, política e social acontece da seguinte maneira: primeiro, por abordagem cultural atendemos a necessidade de inserção das múltiplas culturas que integram e interagem na comunidade escolar; em segundo, o exercício político existente na atividade acontece através do estímulo à formação de opinião e do modelo democrático utilizado, suscitando um aprendizado subjetivo para o convívio em nossa sociedade; por último – não atendendo a uma lógica de relevância –, a contribuição social procura contextualizar e contrastar as abordagens com o contexto que a escola pertence, em uma escala de macro a microambiente, ou seja, país, estado, região, cidade e bairro. Buscam-se elementos nesses cenários que possam facilitar o entendimento dos conhecimentos emitidos.

A proposta de ensino apresenta campos relevantes a serem explorados pela escola, porém, questionamos como transpor as barreiras existentes para poder transmitir esses conhecimentos enunciados com compreensão real? Os espaços e métodos não estimulantes e a concorrência com outros meios de emissão de informações, que atraem interesse dos alunos, são desafios enfrentados pelos educadores na escola.

As salas de aula degradadas, pela ação do tempo e pela atuação dos próprios alunos – classes e cadeiras antigas e várias vezes depredadas, paredes sujas, janelas com vidros quebrados e iluminação inadequada –, se refletem na recepção das informações, ao mesmo tempo em que o método de utilizar a lousa e de repetir conteúdos não



estimula os alunos a participarem e construir a aula em conjunto. Além desses obstáculos físicos e metodológicos enfrentamos a disputa pela atenção dos educandos, ao oferecer uma aula em que os sentidos e valores sejam mais atraentes, quando comparados aos transmitidos pelos meios de comunicação, em especial pela televisão.

Com o propósito de gerar novas experiências na recepção dos conteúdos da oficina, por vezes saímos da sala de aula e utilizamos do pátio da escola e de locais no bairro para trabalhar determinadas temáticas – como sentido de comunidade, desigualdade econômica ou poluição. Os resultados, até o momento, mostram-se positivos. Para ultrapassarmos a metodologia envelhecida revisamos as possibilidades que a escola oferecia e não eram exploradas pelo corpo docente. A partir daí verificamos que poderíamos utilizar mesas grandes, assemelhadas as de reuniões, e o aparelho projetor. Com as mesas-de-reunião aproximamos os alunos, estimulamos a troca de experiência, proporcionamos discussões participativas; enquanto que com o projetor eles se sentiram atraídos pela novidade, o que aumentou a atenção na aplicação de conteúdos multimídia. Para atrair os alunos ao que está sendo ensinado na escola utilizamos da proposta de integrar a mídia a educação – muitas vezes temida por educadores. Discutimos e analisamos os conteúdos em aulas para instruir a formação de opinião, pois partimos da premissa de que o que é atrativo na televisão atrai também os alunos na educação escolar.

Desta forma, inovar aparece como fundamento para o ensino. Buscar alternativas, analisar possibilidades e experimentar novas práticas são algumas das atribuições que surgem como extras para conseguir ensinar o que foi pré-estabelecido através das propostas iniciais. Efetivamos o ensino da crítica nas turmas de 4º a 9º com dispositivos oferecidos pela escola e a inclusão dos suportes midiáticos.

CONSIDERAÇÕES (QUASE)FINAIS

A família e a escola antes eram os dois meios de transmissão do saber, atualmente, a mídia entra como um terceiro meio. Atualmente, televisão assume, antes de qualquer educação prévia para a compreensão do meio, uma interface alienadora – o que pode persistir durante toda a vida do indivíduo. Quando a educação escolar obrigatória condiciona alunos letrados – não meramente alfabetizados – os meios de comunicação perdem parte do seu caráter prejudicial e geram novas relações.

Contudo, a maioria dos professores não vê os conteúdos televisivos como um material rico para discussão e formação de consciência crítica. Por sua parte, os pais



atribuem à escola a função de transmitir valores e ensinar todos os conhecimentos necessários para vida em sociedade. Como pode ser percebido não há espaço que ensine o pensamento crítico.

Este trabalho, que se encontra em fase de desenvolvimento, na escola João Link Sobrinho é uma aplicação de estudos de intersecções dos campos da comunicação e da educação. As experiências positivas obtidas com o ensino da crítica social e midiática são mostras de quanto a mídia é, e pode ser proveitosa no ensino básico. Compete às escolas direcionarem o seu olhar para televisão e outros suportes midiáticos como aliados do processo de ensino-aprendizagem na formação do conhecimento, e, sobretudo, na formação crítica para o convívio em sociedade.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do campo Comunicação/Educação. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna, v. 5, n. 14, p. 7-16, jan./abr. 1999.

_____. Meios de comunicação na escola. **Revista Comunicação e Educação**. set./ dez, p. 7-15. São Paulo, ECA-USP, 2002.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo, Hacker Editores, 2001.

BUCHT, C.; FEILITZEN, C. V.. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Brasília: UNESCO, Direitos Humanos, Ministério da Justiça, Governo Federal, 2001.

CALDAS, Graça. Leitura crítica da Mídia: educação para a cidadania. In: **Revista Comunicarte** – PUCC - Centro de Linguagem e Comunicação. v. 19, n. 25, p. 133– 143. Campinas: 2002.

FISCHER, R. M. B. **Televisão & educação: fluir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

PENTEADO, H. D. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 1991.